

27 - EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM AÇÃO PEDAGÓGICA DE PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL

PATRÍCIA ESPÍNDOLA MOTA VENÂNCIO^{1,2}

JOSÉ LEOPOLDO VIEIRA¹

ANA ELIZABETH LUZ GUERRA¹

CRISTIANE PÁRIS¹

¹Centro Internacional de Análise Relacional - CIAR - Curitiba/PR - Brasil.

²Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica do Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí-GO- Brasil.
venanciopatricia@hotmail.com

Doi: 10.16887/93.a1.27

Resumo

Este estudo teve como objetivo descrever as experiências vivenciadas pela primeira autora em uma ação pedagógica da Pós-graduação *Lato Sensu* Formação Especializada em Psicomotricidade Relacional, realizada em um CEMEI da cidade de Anápolis-Go com 12 crianças de 5 e 6 anos. Foram feitas 20 sessões nas quais a comunicação não verbal, o jogo simbólico e o brincar foram priorizados. Para isso, foram utilizados os materiais clássicos da Psicomotricidade Relacional: bolas, bambolês, cordas, bastões, tecidos, jornais e caixas de papelão. Como resultados, foi possível destacar minha evolução nas vivências propostas e, na maioria delas, obtive êxito e entrega corporal com uma evolução significativa no quesito da disponibilidade corporal e sociabilização. A partir das sessões e relatórios realizados, pude concluir que é fundamental e essencial para uma densa formação pessoal que estejamos preparados para trabalhar com os indivíduos que necessitam de uma intervenção psicomotora relacional, uma vez que iremos lidar com a comunicação tônica na qual o corpo participa ativamente, facilitando a expressão espontânea (emoções e sentimento) de cada sujeito. Então, tais vivências foram fundamentais para que eu pudesse atuar como psicomotricista relacional em formação, permitindo um vasto conhecimento e disponibilidade corporal, autonomia, criticidade e sensibilidade, a fim de promover um melhor acolhimento às pessoas que necessitaram de uma intervenção psicomotora.

Palavras Chaves: Desempenho Psicomotor, Apego ao Objeto, Afeto, Crianças.

Abstract

This study aimed to describe the experiences lived by the first author in a pedagogical action of the Postgraduate *Lato Sensu* Specialized Training in Relational Psychomotricity, carried out in a CEMEI in the city of Anápolis-Go with 12 children aged 5 and 6 years. There were 20 sessions in which non-verbal communication, symbolic play and playing were prioritized. For this, the classic Relational Psychomotricity materials were used: balls, hula hoops, ropes, sticks, fabrics, newspapers and cardboard boxes. As a result, it was

possible to highlight my evolution in the proposed experiences and, in most of them, I achieved success and body delivery with a significant evolution in terms of body availability and socialization. From the sessions and reports carried out, I was able to conclude that it is fundamental and essential for a dense personal formation that we are prepared to work with individuals who need a relational psychomotor intervention, since we will deal with tonic communication in which the body participates. actively, facilitating the spontaneous expression (emotions and feelings) of each subject. So, such experiences were fundamental for me to act as a relational psychomotorist in training, allowing a vast knowledge and body availability, autonomy, criticality and sensitivity, in order to promote a better reception to people who needed a psychomotor intervention.

Keywords: Psychomotor Performance, Object Attachment, Affection, Children.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo describir las experiencias vividas por el primer autor en una acción pedagógica de la Formación Especializada de Posgrado Lato Sensu en Psicomotricidad Relacional, realizada en un CEMEI de la ciudad de Anápolis-Go con 12 niños de 5 y 6 años. Fueron 20 sesiones en las que se priorizó la comunicación no verbal, el juego simbólico y el juego. Para ello se utilizaron los materiales clásicos de la Psicomotricidad Relacional: pelotas, hula hoops, cuerdas, palos, telas, periódicos y cajas de cartón. Como resultado se pudo destacar mi evolución en las experiencias propuestas y, en la mayoría de ellas, logré el éxito y la entrega corporal con una evolución significativa en cuanto a disponibilidad corporal y socialización. De las sesiones e informes realizados pude concluir que es fundamental e imprescindible para una formación personal densa que estemos preparados para trabajar con personas que necesitan una intervención psicomotriz relacional, ya que se tratará de una comunicación tónica en la que el cuerpo participa activamente, facilitando la expresión espontánea (emociones y sentimientos) de cada sujeto. Entonces, tales experiencias fueron fundamentales para mí para actuar como psicomotor relacional en formación, permitiéndome un vasto conocimiento y disponibilidad corporal, autonomía, criticidad y sensibilidad, con el fin de promover una mejor acogida a las personas que necesitaban una intervención psicomotora.

Palabras clave: Desempeño psicomotor, Apego a objetos, Afecto, Niños.

Sommaire

Cette étude visait à décrire les expériences vécues par le premier auteur dans une action pédagogique de la formation spécialisée de troisième cycle Lato Sensu en psychomotricité relationnelle, réalisée dans un CEMEI de la ville d'Anápolis-Go avec 12 enfants âgés de 5 et 6 ans. Il y avait 20 séances au cours desquelles la communication non verbale, le jeu symbolique et le jeu étaient prioritaires. Pour cela, les matériels classiques de la Psychomotricité Relationnelle ont été utilisés : balles, cerceaux, cordes, bâtons, tissus, journaux et cartons. En conséquence, il a été possible de mettre en évidence mon évolution dans les expériences proposées et, dans la plupart d'entre elles, j'ai obtenu un succès et une livraison corporelle avec une évolution significative en termes de disponibilité corporelle et de socialisation. Des séances et des rapports effectués, j'ai pu conclure qu'il est fondamental et essentiel pour une formation personnelle dense que nous

soyons prêts à travailler avec des individus qui ont besoin d'une intervention psychomotrice relationnelle, puisque nous traiterons de la communication tonique dans laquelle le corps participe activement, facilitant l'expression spontanée (émotions et sentiments) de chaque sujet. Ainsi, de telles expériences ont été fondamentales pour moi pour agir en tant que psychomotricienne relationnelle en formation, permettant une vaste connaissance et disponibilité corporelle, autonomie, criticité et sensibilité, afin de favoriser un meilleur accueil aux personnes qui avaient besoin d'une intervention psychomotrice.

Mots-clés : Performances psychomotrices, Attachement à l'objet, Affection, Enfants.

INTRODUÇÃO

A Psicomotricidade Relacional é uma das abordagens da ciência Psicomotricidade. Sua base é psicanalítica, mas ela possui uma teoria própria sobre a constituição do psiquismo e uma metodologia singular que possibilita o acesso a motivações inconscientes que delinham os comportamentos humanos. Esta abordagem privilegia a comunicação não verbal, pois entende que as tensões tônicas involuntárias são mais reveladoras dos desejos inconscientes do que a palavra falada. (Guerra, 2022; Vieira, 2021; Batista, Guerra & Bellaguarda, 2018).

Segundo Vieira, Bellaguarda e Lapierre (2005), essa abordagem permite que o corpo participe em todas suas dimensões, privilegiando a comunicação não verbal por meio de situações dinâmicas, além de promover um enfoque na organização tônica, involuntária e espontânea que integra práticas afetivas e emocionais.

Venâncio, Feller e Vieira (2022) reiteram em seu estudo que a Psicomotricidade Relacional tem uma importância significativa no desenvolvimento infantil e nas demais fases da vida humana, trazendo benefícios nos aspectos motores, cognitivos, afetivos e na questão social, pois a sua metodologia é potencializadora de novas aprendizagens. Além disso, esta abordagem recorre à linguagem corporal e ao brincar espontâneo, para possibilitar a resignificação de processos conscientes e/ou inconscientes. Ao reviver, no “setting, da Psicomotricidade Relacional, situações importantes, é possível expressar simbolicamente sentimentos e emoções, tornando a vida mais saudável nas relações, consigo mesmo, com a família e com a sociedade

A partir disso, torna-se importante e essencial a formação pessoal do psicomotricista relacional, visto que é necessário vivenciar no nível corporal suas potencialidades e dificuldades para não projetar no outro aquilo que é seu (Lapierre e Lapierre, 2010).

Assim, ao dar ênfase à minha formação a fim de que possa estar preparada para intervir nas mais variadas circunstâncias é que as experiências formativas vivenciadas no estágio poderão contribuir para construção da minha identidade profissional, bem como para a mobilização e produção de saberes que serão utilizados na futura profissão (Tardif, 2019).

Neste sentido, este relato traz como objetivo descrever as experiências vivenciadas pela primeira autora em uma ação pedagógica da Pós-graduação *Lato Sensu* Formação Especializada em Psicomotricidade Relacional do CIAR.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este relato de experiência traz um resumo da minha evolução nas sessões de Psicomotricidade Relacional em vivências do estágio supervisionado. Essas mostram a minha evolução enquanto psicomotricista relacional em formação, indo ao encontro com a fala de Lapierre e Aucouturier (2004) ao relacionar a forma gradativa em que devem acontecer as atividades baseadas na experiência adquirida para inteirar a uma nova etapa, complementando-a, ampliando-a e superando-a.

As experiências vivenciadas nas sessões do Estágio em Psicomotricidade Relacional elucidaram as diversas sensações quanto a ter contato com o meu próprio corpo e com o corpo do outro e gerou reflexões sobre a percepção do corpo como sujeito vivo, que se sente, se movimenta e pensa criticamente. De fato, para Lapierre e Aucouturier (1984) o ser humano, em todas as suas dimensões, em todos os aspectos, é um ser psicomotor, um corpo que pensa, que fantasma e que age. (1)

As sessões que realizei enquanto psicomotricista relacional em formação, respeitaram todas as etapas da sessão de Psicomotricidade Relacional, em ordem: ritual de entrada; verbalização inicial; entrega dos materiais; vivência sensoriomotora e simbólica; relaxamento; organização dos materiais; verbalização final; representação do vivido por meio do desenho, pintura, escrita, massa de modelar; ritual de saída.

Desde o ritual de entrada, a retirada dos sapatos, busca-se auxiliar as crianças a ir separando a realidade do espaço simbólico; a verbalização no tapete é um momento de escuta do grupo e acolhimento dos conteúdos expressos pelas crianças em relação aos últimos acontecimentos, alegrias, tristezas, desejos, medos, etc. Esse é momento de reforçar as regras da sessão, dentre eles não machucar o outro nem por dentro nem por fora a (magoar os sentimentos) conforme o andamento das sessões; depois, havia a entrega dos materiais. A seguir etapa acontecia a sessão propriamente dita. Após as vivências, acontecia relaxamento, ou seja, o momento de tranquilidade. Logo após o grupo guardava materiais utilizados na sessão. No momento de verbalização final no tapete, as crianças compartilhavam suas experiências, que eram acolhidas, reconhecidas e nomeadas pelo adulto. E, por último, o momento de calçar os sapatos para voltar à sala de aula. Essa estrutura definida serve para favorecer o entendimento e a compreensão acerca do processo pedagógico, potencializando o processo de aprendizagem desde o planejar, organizar, manifestar suas ideias, escutar dos demais envolvidos, a resolver conflitos e a refletir sobre os acontecimentos vividos na sessão (Bersch & Piske, 2020)

Em todas as vivências houve uma participação de forma positiva da turma, entretanto nas primeiras sessões, eu agia mais como professora de Educação Física do que como psicomotricista relacional em formação. Embora eu brincasse com as crianças, minha disponibilidade corporal não era suficiente para favorecer uma comunicação autêntica com elas. Preocupava-me mais com a organização da sessão e se as crianças estavam se divertindo, tendo significativo aproveitamento nas sessões. Talvez essa não disponibilidade no começo possa ser explicada por Vieira, Batista e Lapierre, (2005) em que essa comunicação não verbal manifestada através do jogo espontâneo, ainda se encontra tímida, onde o meu corpo compreendeu, mas ainda não consegui interpretar e participa em todas as imensões representativas inseridas na psicomotricidade relacional

Da quinta sessão em diante, comecei a aproveitar mais os momentos, permitindo-me me disponibilizar mais corporalmente. Ao brincar com mais prazer e dinamismo fui, ao

mesmo tempo, me conectando com o infantil que há em mim o que elevou a qualidade da comunicação tônica entre mim e as crianças.

Quanto às crianças, essas passaram ser mais criativas no manuseio dos objetos e mais espontâneas e autênticas ao brincarem entre si e comigo. Isso tudo reforçou os dizeres de Winnicott (1968) para quem o desejo de se comunicar está associado ao brincar como uma experiência criativa que acontece na continuidade espaço-tempo, se configurando numa forma básica de viver.

Daí veio outro fator a ser evoluído, também, pois eu estava tão envolvida no brincar, que não me atinha a terminar as relações que eu iniciava. Aos poucos consegui iniciar, permanecer e finalizar as relações de modo que as crianças, e também eu, pudéssemos integrar o conteúdo vivenciado nas brincadeiras.

Durante as sessões de estágio, também fui surpreendida quanto ao uso dos materiais. Antes de começar o estágio, tinha minhas preferências pela bola e bambolê, e muito medo de utilizar o bastão, tecido e caixa. Não conseguia ver minha entrega corporal e, muito menos, como iria conduzir a sessão ao utilizar esses materiais. Entretanto, na prática, deparei-me com as sessões de que mais gostava, justamente as que tinha medo. Passei a amar trabalhar com a caixa e o tecido, objetos para os quais não tinha nenhuma criatividade. Confesso que as crianças me ensinaram bastante a usar esses objetos. Já o bastão, por sua vez, tinha meio que um bloqueio advindo, talvez da minha infância, pudesse me amedrontar por se tratar de objeto que, por analogia, pode estar mais associado à agressividade e ao poder fálico. Contudo, creio que consegui lidar com esse medo gerado na infância. Esse enfrentamento dá-se pelas vivências firmadas nas sessões por meio do jogo simbólico que permite atuar livremente, sem censuras, liberando naturalmente parte da culpa que se tenha ou que se possa sentir, ajudando, assim, na desmistificação de fantasmas anteriores (Batista & Vieira, 2013).

Outro fato muito interessante e de evolução foi quando, em uma das sessões, levei uma proposta com o material corda para acontecer de forma dirigida da psicomotricidade funcional, com a qual tinha muita familiaridade e facilidade por já trabalhar nas aulas de Educação Física. Entretanto, foi a sessão que menos gostei, pois não me disponibilizei corporal e simbolicamente, tendo como resultado final uma frustração em relação à minha atuação, embora as crianças tenham se divertido bastante.

Quanto às acrianças, responderam bem a todas as atividades, tanto pelo uso criativo e simbólico dos objetos quanto pela busca por mim nas sessões, pois além de ser uma turma bem participativa, pouco a pouco também fui assumindo um lugar de referência para o grupo. No início havia algumas crianças que brincavam sozinhas, não interagem com outros coleguinhas, mas, aos poucos, conseguiram encontrar um lugar para si no movimento coletivo. Dentre os sentimentos e comportamentos que mais apareceram destaque o amor, alegria, agressividade, isolamento, porém, este último, foi o menos demonstrado. À medida que iam acontecendo as sessões, pude ver a evolução das crianças, pois aprenderam a compartilhar, a se impor quando algo acontecia e que não era do seu agrado e passaram a brincar mais com colegas. Houve uma evolução significativa no quesito da minha disponibilidade corporal e da sociabilização das crianças. Todas as vivências experimentadas nas sessões corroboram com os pensamentos de Bersch e Juliano (2016); Cordeiro e Silva (2018); Silva e Santos (2020); Santos, Renato e Carvalho (2019) que concluíram que intervenções psicomotoras são propulsoras de relações afetivas e que as atividades desenvolvidas nas sessões podem representar uma

condição de proteção, favorecendo aprendizagens significativas com melhores condições de desenvolvimento biopsicossocial.

À proporção que iam acontecendo as sessões, com mais vivências e experiências corporais, ampliei minha escuta e consegui, em várias situações, perceber de modo claro a carga afetiva do tônus e o conteúdo simbólico do jogo e das relações estabelecidas entre mim e as crianças, entre as crianças e os objetos e entre as crianças. Percebi também que o grupo apresentou uma demanda mais afetiva expressa e vivenciada em brincadeiras cujo conteúdo da maternagem esteve significativamente presente. O tônus acompanha e exprime nossas tensões afetivas e faz a consciência de nosso corpo ser diferente quando estamos ansiosos, felizes, satisfeitos ou deprimidos (Aucouturier & Lapierre, 1984), por isso, na Psicomotricidade Relacional, damos significativa importância à comunicação tônica.

Foi somente depois da 15ª sessão que pude me sentir como psicomotricista relacional, pois consegui ampliar minha visão periférica, disponibilizar mais o meu corpo na intervenção com conteúdos variados, finalizar as relações e investir na decodificação simbólica do material e das relações corporais, no contexto do jogo espontâneo. Tive a capacidade de observar as posturas das crianças e reconhecer os seus sentimentos. Ao terminar as 20 sessões de estágio, ainda confesso que tenho dificuldade de escolher o material que irei usar na próxima sessão, precisando investir ainda na escuta da demanda do grupo. Por isso, ressalto a importância do profissional estar embasado nos três pilares: formação pessoal, formação profissional (estágios supervisionados) e formação teórica por meio de um curso que contemple esse tripé, além de manter essa estrutura de base ao longo de sua vida profissional. (Vieira 2021 & Guerra, 2021)

De maneira geral, acredito que minha participação no estágio foi muito positiva, pois consegui evoluir passando da postura de professor à de psicomotricista relacional, estabelecendo relações com as crianças muito mais pelo viés do diálogo tonicoemocional do que intelectual, mesmo que, no início tenha sido difícil me comunicar com o outro por meio da linguagem corporal e seus mediadores da comunicação (toque, pele, tato, olhar, vocalização, tônus, gestos, mímicas, posturas, empatia tônica, etc). Inclusive, tive dificuldade de fazer inferências e transpor o conteúdo vivenciado para o relatório das sessões, porém, com o passar das vivências, ganhei confiança para planejar as próximas sessões com mais segurança.

CONCLUSÃO

A partir das sessões e relatórios realizados, pude concluir que uma densa formação em Psicomotricidade Relacional, sustentada no tripé formação pessoal, formação profissional (estágios supervisionados) e formação teórica, é fundamental e essencial para que estejamos preparados para trabalhar com os indivíduos que necessitam de uma intervenção psicomotora, uma vez que iremos lidar com a relação do meu corpo com o corpo do outro, contatando com as diversas emoções e sentimentos que fazem parte do Eu de cada sujeito. Então, tais vivências foram fundamentais para que eu pudesse atuar como psicomotricista relacional, permitindo um vasto conhecimento, disponibilidade corporal, autonomia, criticidade e sensibilidade, a fim de promover um melhor acolhimento às pessoas que necessitaram de uma intervenção psicomotora.

REFERÊNCIAS

Batista, M. I. B. & Vieira, J. L. (2013) *O jogo simbólico em psicomotricidade relacional*. In: Batista, M. I. B. & Vieira, J. L. Textos e contextos em psicomotricidade relacional. Fortaleza, CE: RDS Editora.

Batista, M. I. B.; Guerra, A. E. L & Bellaguarda, A. P. C. (2018). *Abordagem clínica em psicomotricidade relacional – Apostila da Formação Clínica em Psicomotricidade Relacional do CIAR*

Bersch, Â. A. S. & Juliano, A. (2016) Psicomotricidade relacional e a repercussão na formação acadêmica de alunos de Educação Física – FURG. *Revista Didática Sistêmica*, 17(1), 121–134.

Bersch, A. A. S.; Piske, E. L. (2020) Psicomotricidade relacional: estratégia de intervenção pedagógica na educação. *Itinerarius Reflectionis*, Goiânia, 16(3),01-18.

Cordeiro, L. C.& Silva, D. A. (2018). Contribuição da psicomotricidade relacional no desenvolvimento das crianças com transtorno do espectro autista. *Fac. Sant’Ana em Revista*, (3)1.

Guerra, A. E. L. (2022). *Psicomotricidade relacional: uma prática viva*. Revista Crianças. Editora Lalalingua. vol 4. 2002.

Guerra, A. E. L. (2021). *Apostila de Estágio Clínico do Curso de Pós-Graduação Lato-Sensu - Formação Especializada em Psicomotricidade Relacional*. Curitiba: CIAR.

Lapierre, A. (2010). *Da psicomotricidade relacional à análise corporal da relação*. Curitiba: Ed. UFPR.

Lapierre, Andre. Lapierre, Anne. (2010). *O adulto diante da criança de 0 a 3 anos - psicomotricidade relacional e formação da personalidade* Curitiba: Ed. UFPR.

Lapierre, A.; Aucouturier, B. (1984). *Fantasmas corporais e práticas psicomotoras*. São Paulo: Editora Manole.

Lapierre, A.& Aucouturier, B. (2013). *A simbologia do movimento: psicomotricidade e educação*. Fortaleza, CE: RDS Editora.

Santos, H. U. B., Renato, B. J. & Carvalho, J. O. (2019) A psicomotricidade relacional como propulsora do desenvolvimento psicoafetivo e da socialização em alunos da educação infantil. *Rev. bras. ciênc. Mov.*, 27(2), 82-96.

Silva, J. M.& Santos, J. C. (2020) A influência do jogo simbólico no setting psicoterapêutico à luz da psicomotricidade relacional. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 9(1)66-80.

Tardif, M. (2019). *Saberes docentes e formação profissional*. 17. ed. Petrópolis: Vozes.

Vieira, J. L. (2022) Apostila de Estágio Profissional do Curso de Pós-Graduação *Lato-Sensu* - Formação Especializada em Psicomotricidade Relacional. Curitiba: CIAR.

Vieira, J.L., Batista, M. I. B. & Lapierre, A. (2013). *Psicomotricidade relacional: a teoria de uma prática*. (3 ed). Fortaleza, CE: RDS Editora, 162 p.

Venâncio, P.E. M., Feller, R. D.S.& Vieira, J. L. (2022). Psicomotricidade relacional: análise da produção de conhecimento nos periódicos Qualis unificado. *Research, Society and Development*, 11(13), e55111335233-e55111335233.

Winnicott, D. W. (1968). *O brincar. Uma exposição teórica*. In *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.